

Firjan critica tensão do mercado e seus efeitos sobre as empresas

Para Bittencourt, 'não há hedge que agüente' as fortes variações do dólar

ADRIANA CHIARINI

RIO – O presidente do Conselho Empresarial de Economia da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Carlos Mariani Bittencourt, criticou a “histeria” no mercado financeiro. “As empresas recebem um soco no peito com essa alta do dólar, seja em forma de alta de insumos ou de aumento de endividamento”, disse. “Não há hedge que agüente porque, quanto mais proteção se busca, mais cara fica a proteção e, na reversão do processo (quando o dólar baixa), a proteção vira prejuízo”, afirmou.

Ele observou que a volatilidade no mercado financeiro atinge as empresas também pela restrição ao crédito e pela insegurança do consumidor que tende a poupar mais e consumir menos. Bittencourt criticou a alta do risco Brasil declarando que “os indicadores brasileiros não são os melhores do mundo, mas também não são os piores e não têm nada a ver com Nigéria, nem com Argentina”.

EMPRESÁRIO CONSIDERA REAÇÕES EXAGERADAS

Segundo o empresário, já se previa uma insegurança com a proximidade das eleições, “mas a resposta está muito desproporcional ao estímulo e ao que estamos vendo na economia real”. Para ele, entre janeiro e hoje, tirando as eleições e a volatilidade no mercado, não há grandes diferenças na indústria nacional.

Bittencourt afirmou que hoje se vê “uns garotos de 24 anos, especialistas em roda de avião ou em pintura de casa no deserto, dizendo na televisão que acham que vai acontecer isso ou aquilo, aí os bancos, para protegerem os seus clientes, mandam vender papéis e, de repente, em três semanas, muda tudo no mercado”.

Bittencourt anunciou a queda de vendas reais na indústria fluminense de abril para maio, que foi de 4,83%,

sem ajuste sazonal, e de 10,90%, com o ajuste. Essa redução pode ser parcialmente explicada pela má performance nas exportações dos setores de química e de vestuário e calçados, dois dos que tiveram maiores diminuições de vendas. Nesses setores, as vendas reais caíram, respectivamente, 8% e 26,2%, e as exportações despencaram 39% no setor químico e 46,6% no setor de vestuário e calçados. (AE)